



AJSHDJUAIEIROJSHU
IAKUSJDBHKASJDIOILAIMINOVONAGDTZKPOLU
KAJSJDDJJ
IASND

JAKJDNA
JSDNAC
KASDINI
JASNJN

MÚSICOS



do Cariri

AJSH
DJUAZOH
EIROJSHB
HUNOVIU
POTENGI
DAIAINAI
JSJDBHKASKBKB

AJS
DJUA
EIROJSH

MEMÓRIAS
KARIRI

BREJOSANTO

DIOILAIMINOVONA KHIYIL
KAJSJUAZEIROYLAAAIUSDBI
SNDJSDNAOSDNKJOIUAYFDA
KASDINTARRAFASJNJNDLIASDU
CRATOKONON

BIYVAIAKUSJDBHKA
OHBJDIOICRATOKONON
LOIKAJSJDDJJAKJDNAJ
OIESOSNASSARÉAOSDNKJC
CRATOKONON

Edição 2
Juazeiro do Norte,
setembro de 2021

Redação:
Aline Fiuza
Amanda Nobre
Guilherme Carvalho

Ilustração:
Clarice França
Bancos digitais

Colagem digital:
Sarah Frutuoso

Diagramação:
Amanda Nobre

Professor Orientador:
José Anderson Sandes

Textos baseados em
matérias originais da
revista Memórias Kariri

Cartilha educativa
experimental do projeto
Memórias Kariri,
vinculado à PROCULT e
PROEX da Universidade
Federal do Cariri.

MÚSICOS DO CARIRI

1

ANNETTE DUMOULIN

📍 Juazeiro do Norte

2

CHICO PALMEIRA

📍 Santana do Cariri

3

DI FREITAS

📍 Juazeiro do Norte

4

JOÃO MARTINS

📍 Juazeiro do Norte

5

PADRE ÁGIO

📍 Crato

UFCA

PROCULT

Pró-Reitoria de Cultura

UFCA

PROEX

Pró-Reitoria de Extensão



MEMÓRIAS
KARIRI

APRESENTAÇÃO

Na segunda edição da Cartilha Memórias Kariri trazemos histórias de músicos da região do Cariri cearense. São artistas que alegrem as cidades com suas vozes e seus talentos nos instrumentos musicais, enriquecendo a nossa cultura.

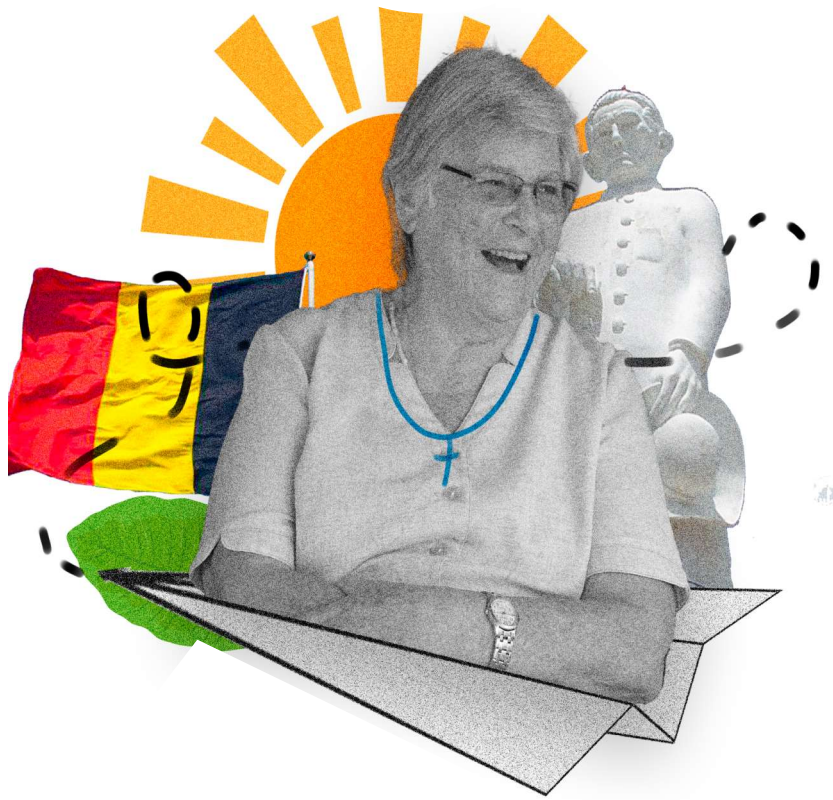
Nas nossas páginas, você irá conhecer Annette Dumoulin com sua música para os romeiros, Chico Palmeira com seu dom em diversos instrumentos, Di Freitas com seu talento na rabeça e na fabricação de oratórios, João Martins com seu trabalho na música e na alfaiataria e Padre Ágio com sua dedicação à religião e à música que resultou na fundação da Vila da Música.

São as vozes e sons dos músicos do Cariri registrados para sempre nas páginas e nas nossas Memórias. Para saber mais, vamos embarcar nessa viagem de melodias.

Boa leitura!

VENHA NOS CONHECER!





ANNETTE DUMOULIN

Cantora dos romeiros

Annette Dumoulin nasceu em Liège, na Bélgica, no ano de 1935. Chegou ao mundo ao lado do seu irmão gêmeo, Pierre, no dia 14 de julho. O pai, clínico geral, foi um modelo de vida para Annette, hoje conhecida como irmã Annette. O sotaque francês carregado pela doçura da saudade lembra com atenção da simplicidade do homem que foi sinônimo de doação.

Belga Sertaneja: é assim que a Irmã Annette Dumoulin era conhecida entre os fiéis do Padre Cícero. Nascida na Europa, porém enraizada no Cariri, a freira da Bélgica viveu 85 anos dedicados aos estudos da fé católica. Cônega da Congregação de Santo Agostinho, Annette era doutora em Psicologia da Religião. Chegou em Juazeiro com a missão de entender as tradições dos romeiros que cruzavam o Nordeste para conhecer o Santo do Sertão.



Seu primeiro contato com o povo brasileiro aconteceu na década de 70, para pesquisar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na periferia do Recife. Anos depois, partiu ao Cariri. Annette Dumoulin abriu mão do cargo de professora da Universidade de Louvain no país belga. Segundo ela, sua missão era mesmo direcionada aos romeiros do Padre Cícero.


**"O microfone fica nas mãos dos romeiros.
Ele é uma arma muito poderosa!"**

A voz da Irmã Annette carregava um forte sotaque francês. Foi sua voz e canto, inclusive, que a consagrou como "Cantora dos Romeiros". A belga acreditava que as palavras dos romeiros eram ferramentas indispensáveis para as expressões de fé. Para ela, o microfone era uma forma de entregar o protagonismo da romaria na mão dos protagonistas.

Annette Dumoulin faleceu em Juazeiro do Norte no dia 21 de Maio de 2021, em decorrência de complicações de um quadro clínico de desconforto no pâncreas e fígado. Porém, sua memória permanece viva no coração da Igreja do Crato e nas milhares de vozes romeiras que ecoam pela terra do Padre Cícero.

Texto adaptado da Memórias Kariri #4



Saiba mais 





CHICO PALMEIRA

Músico, agricultor e professor

Chico Palmeira desde criança teve interesse e dedicação à música. Aprendeu a tocar sanfona, violão, baixo, guitarra, bateria, teclado, cavaquinho e zabumba sozinho, apenas ouvindo e olhando. O músico começou sua carreira aos nove anos de idade, apresentando-se em uma cidade chamada Palmeira dos Índios, e lá ficou conhecido com o nome de Chico Palmeira. Na década de 70 voltou ao Cariri, sendo sanfoneiro pé de serra. Na infância, não havia muita estrutura musical, quando começou a tocar em bandas foi que conquistou um maior aprendizado. Sua principal influência foi o seu pai, Zé Palmeira, que também tocava instrumentos como zabumba, pife e flauta.

Chico aprendeu a tocar muitos instrumentos “copiando” os movimentos que ele via. Naquela época não havia professores de música que ensinassem a prática. Assim, ele aprendia sem saber dizer o que era “sol”, “lá maior”, entre outros.



O instrumento que mais gosta de tocar, foi o primeiro que aprendeu: o violão. Na época, nem todos podiam comprar instrumentos, mas o seu irmão mais velho, Expedito, arrumou um violão apelidado “caveira de pau”. Chico acredita que não existe instrumento difícil de tocar, tudo se aprende com determinação.

Em Santana do Cariri não existiam professores de música e essa foi a principal motivação para Chico começar a ensinar. Ele queria dar oportunidade para outras pessoas aprenderem a tocar os instrumentos. Mesmo sendo professor de música, Chico não deixa de lado o orgulho de dizer que é agricultor. Ele não pensa em desistir da arte musical, nem de parar de ensinar um dia.


"A gente só publica se for através da música ou de uma revista como essa"

Chico Palmeira teve sua experiência como empreendedor, nos anos 1970 foi administrador da banda Quente Som e gostou da experiência, e entre 2010 e 2012 criou a sua própria banda, composta por alunos: Doce Desejo.

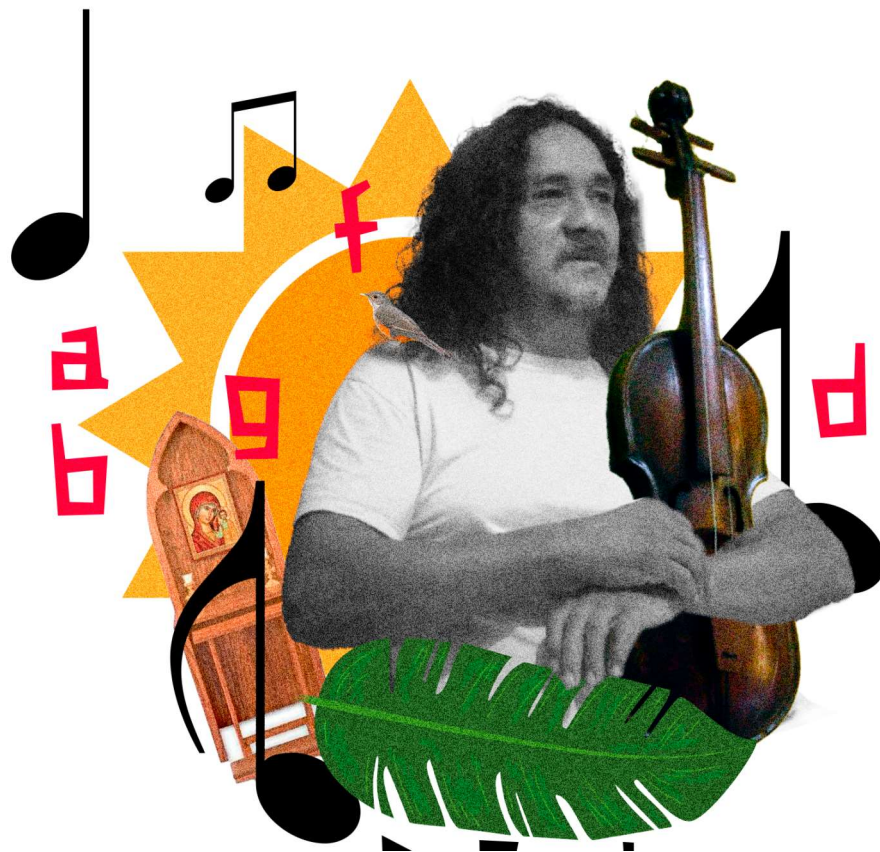
A importância da música na vida de Chico é que ela foi o seu ganha pão, sua profissão e através dela pode ajudar a família e dar uma melhor condição de vida para os seus pais. O que mais o deixa feliz é a sua inspiração para publicar o que o seu coração diz através da música.

Texto adaptado da Memórias Kariri #3



Saiba mais 





DI FREITAS

O Alumioso

Di Freitas é conhecido como o alumioso, graças a uma alusão ao personagem de um livro do Ariano Suassuna (Sinésio- O Alumioso). É um artista, rabequeiro, educador e luthier, fundador da Orquestra Armorial do Cariri e da ONG AVBEM (Associação dos Voluntários para o Bem comum) com sede no Horto. Já viajou para muitos países como França, Chile, Turquia e Hungria, levando sua música para o exterior.

Tem sua formação acadêmica, aprendeu que tudo tem um padrão (eurocêntrico), mas em Juazeiro do Norte redescobriu a maneira de como se faz arte. No Cariri, a arte não é coisa restrita só para os intelectuais, é algo acessível, que todos podem aprender e fazer, faz parte do cotidiano.



Seu interesse pelas rabecas surgiu para manter a tradição e ensinar a outras pessoas. Ele mesmo passou a fabricar os instrumentos, utilizando cabaças. Com a pandemia do coronavírus, e a falta de inverno, as cabaças foram ficando escassas, então Di Freitas passou a fabricar com papelão. Além disso, construiu oratórios com os mestres do reisado, visto que muitos também são catadores de lixo. Produzindo rabecas e oratórios com o material do lixo, dá-se outro significado.

Apesar de não gostar de vender os instrumentos, por apegar-se a sua arte, Di Freitas teve de comercializar, pois estava sem emprego, devido à pandemia. Ele ressalta que a valorização dos artistas locais ainda é pequena, tendo em vista que fora do Cariri as pessoas sempre buscam e encantam-se com o diferente.

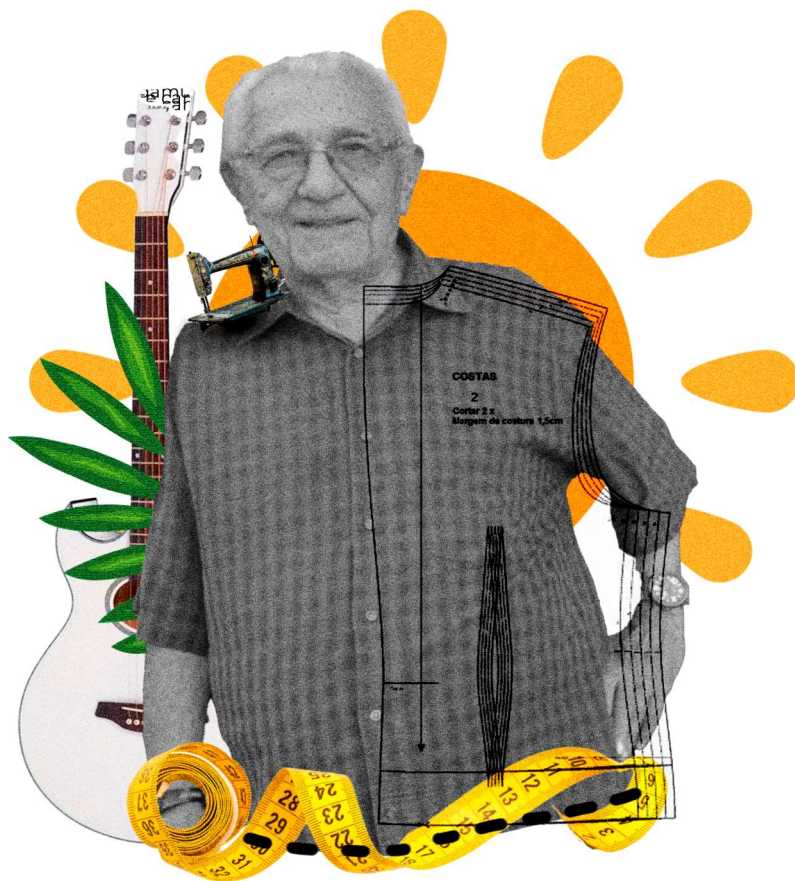
"Em Juazeiro, a arte é acessível. Você vê alguém fazendo, você pensa: eu posso fazer isso!"

As principais ações desenvolvidas pela ONG AVBEM são de registrar os artistas e grupos e também de desenvolver ações musicais. A pandemia evidenciou bastante a desigualdade que existe, e principalmente a dívida que o estado tem com os artistas, a oralidade e a cultura popular. Essa situação expôs o quanto essas pessoas são vulneráveis e precisam de projetos e editais acessíveis.

Texto adaptado da Memórias Kariri #6



Saiba mais 



JOÃO MARTINS

Alfaiate e Músico

João Martins é natural de Missão Velha e se mudou para Juazeiro do Norte em 1954, levando na bagagem seu ofício de alfaiate e no outro canto da mala sua paixão pela música. Dono de uma alfaiataria na Rua São Pedro, montou uma banda chamada “J. Martins e seu Conjunto”, seu primeiro grupo musical. E com ele se apresentou por todo o Nordeste.

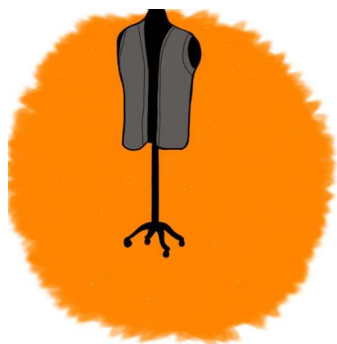
Quando chegou em Juazeiro, João montou uma alfaiataria onde trabalhou por muito tempo. O ofício foi herdado de seus familiares e sua clientela era formada principalmente por pessoas da alta sociedade, já que os ternos eram mais caros. As peças faziam muito sucesso e ele conseguia ter boas condições financeiras com o trabalho. Em 1996, fechou o negócio porque as vendas acabaram enfraquecendo. Na música, João participou de dois conjuntos musicais, porém não ganhou dinheiro com as apresentações.

Ele aprendeu a tocar os instrumentos fazendo serenatas para as namoradas com os amigos por diversão. O primeiro conjunto tinha o nome de “J. Martins e seu conjunto”. Esse grupo foi aplaudido em pé no Clube dos Diários, em Teresina, mas foi desfeito em 1969. No ano seguinte, em 1970, João formou outro conjunto, chamado “IlderMartinsSom”.

Mesmo sem receber dinheiro com os grupos musicais, João andou por todo o nordeste com as apresentações. Ele tirava o dinheiro que ganhava na alfaiataria para pagar por bons músicos nos seus grupos. Para vender os shows, os grupos musicais contavam com um empresário, que saía de Juazeiro e vendia festas no estado do Piauí, Maranhão, Pernambuco, Bahia, etc.


"Eu queria um bom conjunto e de fato eu tive dois bons conjuntos"

O músico trabalhou tocando na rádio. Ele se apresentou na regional da Rádio Iracema (1954-1958) e na Rádio Educadora (1958-1961). Quando retornou para Juazeiro e formou o seu primeiro conjunto, passou a tocar no Clube 13 (1961-2002). Ele também se apresentou com serenatas na Cantina Zé Ferreira, em Juazeiro. João atuava nas duas profissões com muito amor. Quando fazia um paletó, colocava no manequim e ficava admirando a beleza das peças. Quando ia se apresentar, tocava com o desejo de que o público gostasse. E foi assim que ele encontrou a felicidade: na alfaiataria e na música.



Texto adaptado da Memórias Kariri #5



Saiba mais 



PADRE ÁGIO

Música e Religiosidade

Padre Ágio foi um dos sacerdotes mais importantes da região do Cariri. Além da sua contribuição à religião, ele criou uma escola de música em Crato, a Solibel (Sociedade Lírica de Belmonte), na década de 1970. Inspirada na Solibel, a Secretaria de Cultura do Ceará transformou o projeto em um equipamento cultural chamado de Vila da Música, em 2017. A escola foi construída com a ajuda de agricultores e trabalhadores da localidade, com o objetivo de transformar a vida das pessoas através da música. Padre Ágio levou os trabalhadores para cantar na igreja durante as missas e deu início a uma relação entre música, religião e trabalho na região. A comunidade aos poucos foi integrando a escola às suas vidas e eles começaram a se apresentar na cidade. O número de alunos cresceu e a comunidade de Belmonte se tornou parte da escola.

Ao longo da sua história, Padre Ágio escreveu diversos livros: “Água Benta”, “Dízimo” e “O Mandamento de assistir a missas ao domingo e dias santos”. Depois que ele fundou a escola, publicou o livro “Sonho Realizado”, que narra a história de como a escola foi fundada. E o segundo volume foi “O Cajueiro: vida, uso e história”, que fala tudo sobre o caju.


“A música é para educar o povo”

Ele descobriu sua vocação para ser padre quando morava em Cariús. Lá, o Padre Emílio fazia questão que os meninos do catecismo acompanhassem as cerimônias da Igreja. Preferia sempre que Padre Ágio ajudasse na missa e acompanhasse nas capelas para ajudar nos batizados e nos casamentos. O Padre Ágio acompanhou e aquilo despertou nele a sua vocação. Assim, após concluir os estudos nos seminários, ele se tornou o segundo padre da família.

A sua história com a música nasceu dentro de casa. O primeiro instrumento que ele aprendeu a tocar foi o órgão, mas também tocava piano, teclado, violino, entre outros. Padre Ágio enxergava a música como um instrumento para educar o povo e considerava a fé como a coisa mais importante do mundo. Com toda sua caridade, transformou a vida de inúmeras pessoas ao longo da sua trajetória. Padre Ágio faleceu em 2019, com 101 anos de uma vida dedicada à Igreja e à música.

Texto adaptado da Memórias Kariri #1



Saiba mais 



QUESTÕES

1

Qual personagem você mais se identificou? Por quê?

2

Em quais cidades se passam as histórias? Você as conhece? Se sim, fale sobre elas.

3

Escolha uma dessas histórias e recontе-a com base no que entendeu (use a criatividade, em texto ou desenho):

CAÇA-PALAVRAS

D I F R E I T A S I E H
A O L H J E W L F M R R
L R H E O I S M Ú É E A
U A V A Ã T C S U I O B
M T L E O A I A T S R E
I Ó S F M C F E R T O C
O R D W A B É L G I C A
S I G V R I H I X G R S
O O D U T R A I I T E I
B T H O I N A T D V R A
O M N A N N E T E G S S
H A R T S V I O L Ã O M

FÉ
JOÃO MARTINS
MÚSICA

ORATÓRIO
RABECAS
VIOLÃO

BÉLGICA
CARIRI
DIFREITAS

ALFAIATE
ALUMIOSO
ANNETE



MEMÓRIAS
KARIRI